

# URSULA K. LE GUIN LAVÍNIA

Tradução  
HELENA COUTINHO



MORROBRANCO  
EDITORA

# Lavinia

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2008 URSULA K. LE GUIN

ISBN: 978-65-6099-040-1

*Translated from original Lavinia. Copyright © 2008 by Ursula K. Le Guin. ISBN 978-01510142-48. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Barham Associates and Ginger Clark Literary, LLC., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

C964L  
1.ed. Guin, Ursula K. Le  
Lavinia / Ursula K. Le Guin ; tradução  
Helena Coutinho. – 1.ed. – Rio de Janeiro :  
Morro Branco, 2025.  
288 p. ; 13,5 x 21 cm.  
ISBN 978-65-6099-040-1  
1. Ficção norte-americana. I. Coutinho,  
Helena. II. Título.  
04-2025/150 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 813

Aline Graziela Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Coordenadora Editorial:** Illysbelle Trajano

**Produtora Editorial:** Luana Maura

**Tradução:** Helena Coutinho

**Copidesque:** Marcia Men

**Revisão:** Letícia Carvalho

**Diagramação:** Rita Motta



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

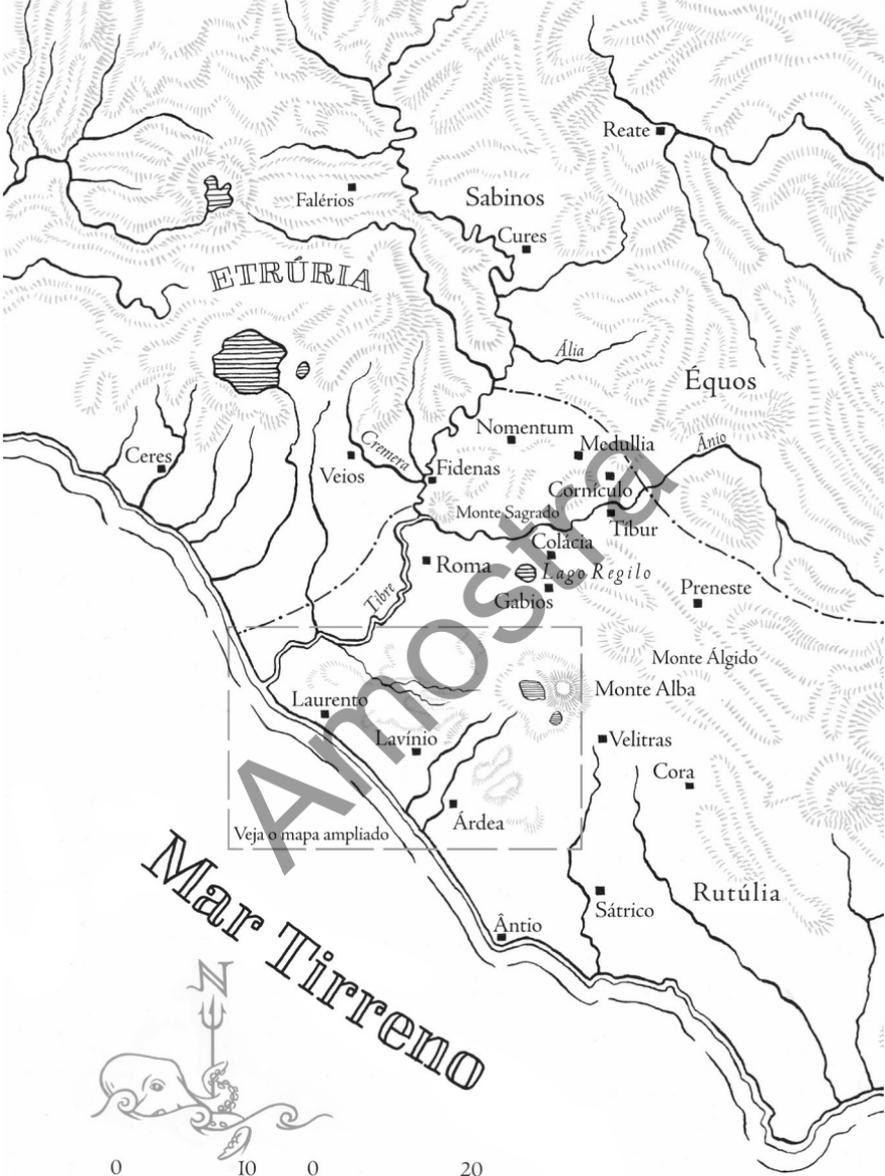


Editora  
afiliada à:



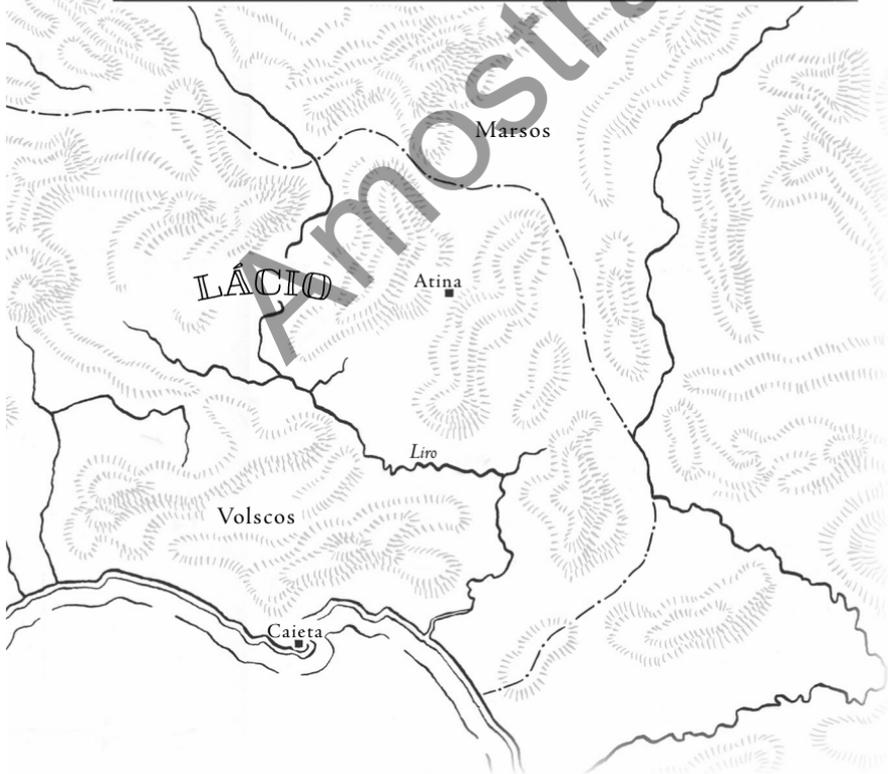
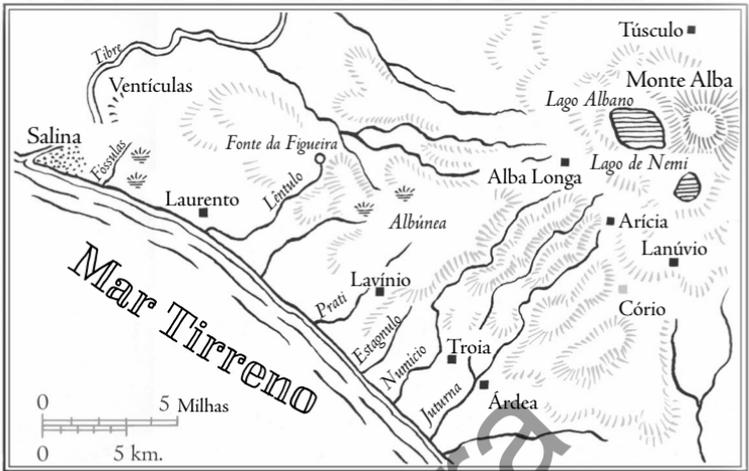
*sola domum et tantas servabat filia sedes,  
iam matura viro, iam plenis nubilis annis.  
multi illam magno e Latio totaque petebant  
Ausonia...*

Só lhe restava uma filha, já núbil, herdeira exclusiva de seus estados e agora na idade de ser desposada. Muitos mancebos do Lácio, da Ausônia opulenta, pediram-na em casamento...



Mar Tirreno







Amostra





**E**U FUI ATÉ AS SALINAS NA FOZ DO RIO, NO MÊS DE MAIO dos meus dezenove anos, buscar o sal para a refeição sagrada. Tita e Maruna foram comigo, e meu pai mandou um velho escravo da casa e um garoto com um burrico para carregar o sal na volta. Eram apenas alguns quilômetros pela costa, mas fizemos disso um piquenique de dois dias. Carregamos o pobre burrico com comida e fomos devagar, passando o dia todo no caminho. Acampamos em uma duna gramada, acima das praias do rio e do mar. Nós cinco jantamos ao redor da fogueira, contamos histórias e cantamos enquanto o sol se punha no mar e o crepúsculo de maio ia ficando cada vez mais azul. Depois, dormimos sob a maresia.

Acordei com os primeiros indícios de luz. Os outros ainda dormiam profundamente. Os pássaros começavam seu coro do amanhecer. Levantei-me e fui até a foz do rio. Peguei um pouco de água com as mãos e deixei cair de volta, como oferenda antes de beber, dizendo o nome do rio, Tibre, Pai Tibre, e seus nomes antigos e secretos, Albu, Rumon. Só então bebi, gostando do sabor meio salgado da água. O céu já estava claro o bastante para que eu pudesse ver as longas e fortes ondas na barra, onde a correnteza encontrava a maré que subia.

Mais além, no mar ainda escuro, vi navios — uma fila de grandes navios negros, vindos do sul, virando e se dirigindo para a foz do rio. Ao lado de cada navio, fileiras longas de remos subiam e desciam, como o bater de asas no crepúsculo.

Um a um, os navios cortavam as ondas na barra, subindo e mergulhando, um atrás do outro, sem parar. Suas longas proas arqueadas, com três pontas, eram de bronze. Me agachei na

lama salgada, à beira da água. O primeiro navio entrou no rio e passou, imenso acima de mim, avançando firme ao ritmo pesado e suave dos remos batendo na água. As faces dos remadores estavam na sombra, mas um homem se erguia contra o céu, na alta popa do navio, olhando à frente.

Seu rosto é sério, mas vulnerável; ele olha para a escuridão à frente, rezando. Eu sei quem ele é.

Quando o último dos navios passou por mim, com aquele som suave e ritmado dos remos, desaparecendo na floresta densa que cresce em ambas as margens, os pássaros já cantavam alto por toda parte e o céu brilhava sobre as colinas ao leste. Subi de volta para o acampamento. Não havia ninguém acordado; os navios passaram por eles enquanto dormiam. Não contei o que tinha visto. Fomos até as salinas e cavamos o suficiente da substância cinzenta e lamacenta para fazer o sal do ano, enchemos as cestas do burrico e partimos para casa. Não deixei que enrolassem no caminho de volta, e eles reclamaram e se arrastaram um pouco, mas chegamos em casa bem antes do meio-dia.

Fui até o rei e disse:

— Uma grande frota de navios de guerra subiu o rio ao amanhecer, pai.

Ele me olhou; seu rosto parecia triste.

— Tão cedo. — Foi tudo o que disse.



**E**U SEI QUEM EU FUI, POSSO LHE DIZER QUEM TALVEZ EU tenha sido, mas, agora, sou apenas essas palavras que escrevo. Não tenho certeza da natureza da minha existência e me pergunto ao me ver escrevendo. Falo latim, claro, mas será que algum dia aprendi a escrevê-lo? Parece improvável. Sem dúvida, alguém com o meu nome, Lavínia, existiu, mas ela pode ter sido tão diferente da ideia que tenho de mim mesma ou da ideia que meu poeta fez de mim, que pensar nela só me confunde. Pelo que sei, foi meu poeta quem me deu qualquer tipo de realidade. Antes de ele escrever, eu era a mais tênue das figuras, pouco mais que um nome numa genealogia. Foi ele quem me trouxe à vida e a mim mesma, e assim me permitiu lembrar da minha vida e de mim mesma, o que faço de forma vívida, com todo tipo de emoções, que sinto intensamente enquanto escrevo, talvez porque os eventos que lembro só passem a existir conforme os escrevo ou conforme ele os escreveu.

Mas ele não os escreveu. Ele negligenciou minha vida, em seu poema. Me deixou de lado, porque só veio a entender quem eu era quando já estava morrendo. Não foi culpa dele. Já era tarde demais para consertar, repensar, completar os versos inacabados, tornar perfeito o poema que ele considerava imperfeito. Sei que sofreu por isso; sofreu por mim. Talvez, onde ele está agora, além dos rios sombrios, alguém lhe diga que Lavínia também sofre por ele.

Eu não vou morrer. Disso, tenho quase certeza. Minha vida é incerta demais para levar a algo tão absoluto quanto a morte. Não tenho mortalidade suficiente. Sem dúvida, acabarei desaparecendo e me perdendo no esquecimento, como teria acontecido

há muito tempo se o poeta não tivesse me convocado à existência. Talvez eu me torne um sonho falso, agarrado como um morcego à parte de baixo das folhas da árvore no portão do submundo, ou uma coruja voando entre os carvalhos escuros de Albúnea. Mas não vou precisar me arrancar da vida e descer para as sombras, como ele fez, pobre homem, primeiro em sua imaginação e depois como seu próprio fantasma. Cada um de nós tem que enfrentar sua própria vida após a morte, ele me disse uma vez, ou, pelo menos, essa é uma maneira de entender o que ele disse. Mas esse vagar sombrio, lá no submundo, esperando ser esquecido ou renascer — isso não é uma existência verdadeira, nem mesmo uma meia verdade, como é a minha existência agora, enquanto escrevo e você lê. E nem chega perto de ser tão real quanto nas palavras dele, nas magníficas e vívidas palavras em que vivi por séculos.

E ainda assim, a minha parte nessas palavras, a vida que ele me deu em seu poema, é tão sem graça, exceto pelo momento em que meu cabelo pega fogo — tão sem cor, exceto quando minhas bochechas de donzela ficam rubras como marfim manchado de carmim —, tão convencional, que não aguento mais. Se eu devo continuar existindo século após século, então, pelo menos uma vez, preciso me libertar e falar. Ele não me deixou dizer uma palavra sequer. Eu tenho que tomar a palavra dele. Ele me deu uma vida longa, mas pequena. Eu preciso de espaço, preciso de ar. Minha alma se estende pelas antigas florestas da minha Itália, até as colinas banhadas de sol, até os ventos do cisne e do corvo que fala a verdade. Minha mãe era louca, mas eu não. Meu pai era velho, mas eu era jovem. Como Helena de Esparta, eu causei uma guerra. Ela causou a dela deixando que homens que a desejavam a levassem. Eu causei a minha porque não me deixei ser dada, nem tomada, mas escolhi meu homem e meu destino. O homem era famoso, o destino obscuro; não é um mau equilíbrio.

Ainda assim, às vezes acredito que já devo estar morta há muito tempo, e estou contando essa história em alguma parte do submundo que não conhecíamos — um lugar traiçoeiro, onde achamos que estamos vivos, que estamos envelhecendo e

nos lembrando do que aconteceu quando éramos jovens, quando os enxames de abelhas vieram e meu cabelo pegou fogo, quando os troianos chegaram. Afinal, como é possível que todos nós consigamos nos entender? Lembro-me dos estrangeiros do outro lado do mundo, navegando pelo Tibre em direção a um país do qual não sabiam nada: seu emissário veio à casa do meu pai, explicou que era troiano e fez discursos educados em latim fluente. Agora, como isso seria possível? Será que todos nós conhecemos todas as línguas? Isso só pode ser verdade para os mortos, cuja terra fica sob todas as outras terras. Como é que você me entende, alguém que viveu vinte e cinco ou trinta séculos atrás? Você sabe latim?

Mas aí penso que não, isso não tem nada a ver com a morte, não é a morte que nos permite entender uns aos outros, mas a poesia.

SE VOCÊ TIVESSE ME CONHECIDO QUANDO EU ERA UMA MENINA em minha casa, talvez acreditasse que o retrato pálido que meu poeta fez de mim, esboçado como se com um alfinete de bronze em uma tábua de cera, fosse suficiente: uma menina, filha de um rei, uma virgem prestes a casar, casta, silenciosa, obediente, pronta para se submeter à vontade de um homem, assim como o campo na primavera se entrega ao arado.

Nunca arei a terra, mas passei a vida inteira observando nossos lavradores: o boi branco avançando devagar sob o jugo, o homem segurando as longas rédeas de madeira que se retorcem e sacodem enquanto ele tenta forçar a lâmina do arado no solo, que parece tão manso e pronto, mas é tão resistente, tão teimoso. Ele se esforça, usando todo o peso e a força que tem para fazer um sulco fundo o suficiente para segurar a semente de cevada. Trabalha até ficar sem fôlego, tremendo de exaustão, querendo apenas se deitar no sulco e dormir no peito de sua dura mãe, entre as pedras. Eu nunca precisei arar, mas também tive uma mãe dura. A terra, no fim, abraçará o lavrador e o deixará dormir

mais fundo que a semente de cevada, mas minha mãe nunca teve um abraço para mim.

Eu era silenciosa e submissa porque, se falasse, se revelasse a minha vontade, ela poderia se lembrar de que eu não era meus irmãos, e eu sofreria por isso. Eu tinha seis anos quando eles morreram, o pequeno Latino e o bebê Laurens. Eles eram meus queridos, meus bonequinhos. Eu brincava com eles e os adorava. Minha mãe, Amata, costumava sorrir ao tomar conta de nós enquanto o fuso caía e subia em seus dedos. Ela não nos deixava aos cuidados da nossa ama Vestina e das outras mulheres, como uma rainha faria, mas ficava conosco o dia inteiro, por amor. Muitas vezes, ela cantava para nós enquanto brincávamos. Às vezes, parava de fiar, se levantava em um salto, pegava minhas mãos e as de Latino, e dançava conosco, e todos nós ríamos juntos. Ela chamava os meninos de “meus guerreiros”, e eu achava que me chamava de guerreira também, porque ela ficava tão feliz quando os chamava assim, e a felicidade dela era a nossa.

Nós adoecemos: primeiro o bebê, depois Latino com seu rostinho redondo, suas orelhas grandes e olhos claros, e então eu. Lembro-me dos sonhos estranhos da febre. Meu avô, o pica-pau, voava até mim e bicava minha cabeça, e eu gritava de dor. Depois de um mês ou algo assim, eu melhorei, fiquei bem de novo; mas a febre dos meninos ia e voltava, ia e voltava. Eles emagreceram, definharam. Às vezes, parecia que estavam melhorando — Laurens mamava com vontade no peito da minha mãe, Latino saía da cama para brincar comigo. Mas então a febre voltava e os tomava de novo. Certa tarde, Latino teve convulsões, a febre era como um cão que sacode um rato até matá-lo, e ele foi sacudido até a morte, o príncipe herdeiro, a esperança do Lácio, meu companheiro de brincadeiras, meu querido. Naquela noite, o bebê magrinho dormiu tranquilo, a febre tinha passado; na manhã seguinte, bem cedo, ele morreu nos meus braços com um suspiro e um tremor, como um gatinho. E minha mãe enlouqueceu de tristeza.

Meu pai nunca entenderia que ela tinha enlouquecido.

Ele chorou amargamente por seus filhos. Era um homem de sentimentos calorosos, e os meninos eram, como entendem os homens, sua posteridade. Chorou por eles, primeiro em voz alta, depois em silêncio por muito tempo, por anos. Mas ele tinha o alívio de suas responsabilidades como rei e tinha os rituais a cumprir, o consolo da repetição das cerimônias, a certeza dos antigos espíritos de sua família. E eu também era um consolo para ele, pois cumpria os rituais ao seu lado, como faz a filha de um rei; e ele me amava profundamente, sua primogênita, nascida tarde. Afinal, ele era bem mais velho que minha mãe.

Ela tinha dezoito anos quando se casaram, ele, quarenta. Ela era a princesa dos rútuos de Árdea, ele, o rei de todo o Lácio. Ela era bela, apaixonada e jovem; ele, um homem em seu auge, bonito e forte, um guerreiro vitorioso que amava a paz. Era uma união que poderia ter dado muito certo.

Ele não a culpou pela morte dos meninos. Não me culpou por não ter morrido. Ele aceitou a perda e depositou o que restava da esperança de seu coração em mim. Seguiu em frente, mais grisalho e sombrio a cada ano, mas nunca cruel, e nunca fraco, exceto neste ponto: ele deixou minha mãe fazer o que quisesse, desviava o olhar quando ela agia com teimosia e permanecia em silêncio quando ela falava de forma impulsiva.

Sua dor terrível não encontrou resposta humana. Ela se viu com um marido que não conseguia ouvi-la ou falar com ela, uma filha de seis anos que chorava, e um bando de mulheres miseráveis e amedrontadas, que temiam, como servos e escravos devem temer, que fossem punidas pela morte das crianças.

Por ele, ela sentia apenas desprezo; por mim, raiva.

Eu consigo lembrar de cada vez, separadamente, que toquei a mão ou o corpo de minha mãe, ou que ela tocou o meu, desde a morte dos meus irmãos. Ela nunca mais dormiu na cama onde ela e meu pai nos conceberam.

Depois de muitos dias sem sair do quarto, ela reapareceu, parecendo pouco mudada, ainda esplêndida, com seus cabelos negros brilhantes, seu rosto branco como nata, sua postura altiva. Seu comportamento em público sempre foi um tanto distante,

um tanto soberbo; ela interpretava o papel de rainha entre os plebeus, e eu costumava me maravilhar com o quanto era diferente com os homens que enchiam a casa do rei em comparação a como era conosco, as crianças, quando sentava para fiar, cantar, rir e dançar com a gente. Com os criados da casa, seu jeito era imperioso, voluntarioso, temperamental, mas eles a amavam, pois não havia maldade nela. Agora, ela era quase sempre fria com eles, fria conosco, calma. Mas quando eu ou meu pai falávamos, eu via, muitas vezes, o repuxar de desprezo em seu rosto, a desolada e furiosa amargura, antes de ela desviar o olhar.

Ela usava as *bullas* dos meninos no pescoço, aquelas pequenas bolsas de amuleto com um minúsculo falo de argila dentro, que os meninos usam para sorte e proteção. Mantinha as *bullas* em suas cápsulas de ouro escondidas sob a roupa. Nunca as tirava.

A raiva que ela escondia em público frequentemente explodia na ala das mulheres da casa como uma irritação feroz comigo. O apelido carinhoso que muitas pessoas me davam, “rainhazinha”, a irritava profundamente, e logo pararam de usá-lo. Ela não falava muito comigo, mas se eu a irritasse, ela se virava de repente e, com uma voz dura e seca, me dizia que eu era tola, feia, estupidamente medrosa.

— Você tem medo de mim. Eu odeio covardes — dizia.

Às vezes, minha presença a levava ao verdadeiro frenesi. Ela me batia ou me sacudia até minha cabeça balançar de um lado para o outro. Uma vez, sua fúria foi tanta que ela arranhou meu rosto com as unhas. Vestina me puxou para longe, a levou para o quarto e a acalmou, e depois voltou correndo para lavar os longos cortes sangrentos nas minhas bochechas. Eu estava atordoada demais para chorar, mas Vestina chorava ao passar pomada nas feridas.

— Não vai deixar cicatriz — disse ela em meio às lágrimas.

— Tenho certeza de que não vai deixar cicatriz.

A voz da minha mãe veio, calma, do quarto onde estava deitada:

— Que bom.

Vestina me disse para dizer às pessoas que foi a gata que me arranhou. Quando meu pai viu meu rosto e exigiu saber o que tinha acontecido, eu falei:

— A velha gata da Sílvia me arranhou. Eu estava apertando ela demais e um cão passou por perto, e a assustou. Não foi culpa dela.

Acabei meio que acreditando na história, como crianças fazem, e a enfeitei com detalhes e circunstâncias, como o fato de que eu estava completamente sozinha quando aconteceu, no bosque de carvalhos bem na entrada da fazenda de Tirro, e corri para casa. Repeti que a culpa não era de Sílvia, nem da gata. Eu não queria que nenhuma das duas tivesse problemas. Reis são rápidos em punir, aliviar a ansiedade deles. Sílvia era minha amiga mais querida, minha companheira de brincadeiras, e a velha gata da fazenda tinha uma ninhada de filhotes que morreriam sem ela. Então, só podia ser minha a culpa por meu rosto ter sido arranhado. E Vestina estava certa: sua pomada de confrei era boa; os longos sulcos vermelhos formaram crostas, cicatrizaram e não deixaram nenhuma marca, exceto uma trilha prateada, quase invisível, descendo pela minha maçã do rosto esquerda, logo abaixo do olho.

Chega um dia em que Eneias traça a cicatriz com o dedo e me pergunta o que é.

— Uma gata me arranhou — digo. — Eu estava carregando ela, e um cachorro a assustou.

EU SEI QUE HAVERÁ REIS MUITO MAIORES, DE REINOS MUITO maiores do que Latino, rei do Lácio, meu pai. Rio acima das Sete Colinas, havia dois pequenos lugares fortificados com muralhas de terra, Janícula e Satúrnica; depois alguns colonos gregos chegaram, reconstruíram na encosta e chamaram seu forte e cidade de Palanteia. Meu poeta tentou me descrever esse lugar como ele o conhecia quando era vivo, ou como conhecerá quando viver, devo dizer, pois, embora estivesse morrendo

quando me encontrou, e esteja morto há muito tempo, ele ainda não nasceu. Ele está entre aqueles que esperam do outro lado do rio do esquecimento. Ainda não me esqueceu, mas um dia esquecerá, quando enfim for nascer, atravessando aquelas águas leitosas. Quando ele me imaginar pela primeira vez, não saberá que ainda me encontrará na floresta de Albúnea. De qualquer forma, ele me disse que, no futuro, onde hoje há apenas uma vila, as Sete Colinas e os vales entre elas e todas as margens do rio estarão cobertos por quilômetros de uma cidade inimaginável. Haverá templos de mármore esplêndidos em ouro no topo das colinas, grandes portões arqueados, incontáveis figuras esculpidas em mármore e bronze; mais pessoas passarão pelo Fórum dessa cidade em um único dia, disse ele, do que eu verei em todas as cidades e fazendas, em todas as estradas, em todas as festas e campos de batalha do Lácio, em toda a minha vida. O rei dessa cidade será o grande governante do mundo, tão grande que desprezará o título de rei e será conhecido apenas como o que foi engrandecido com poder sagrado, o Augusto. Todos os povos de todas as terras se curvarão diante dele e lhe trarão tributos. Eu acredito nisso, sabendo que meu poeta sempre fala a verdade, mesmo que nem sempre fale toda a verdade. Nem mesmo um poeta pode falar toda a verdade.

Mas, na minha meninice, a grande cidade dele era apenas uma pequena vila rústica, construída na encosta de uma colina rochosa cheia de cavernas e coberta de mato espesso. Fui lá uma vez com meu pai, um dia de barco rio acima com o vento oeste. O rei de lá, Evandro, um aliado nosso, era um exilado da Grécia, e estava também com alguns problemas por aqui — ele havia matado um hóspede. Ele tinha razão suficiente para isso, mas esse tipo de coisa não é facilmente esquecida pelo povo da nossa terra. Ele era grato ao favor do meu pai e fez o possível para nos receber bem, mas vivia de maneira muito mais humilde do que nossos fazendeiros ricos. Palanteia era uma fortaleza sombria, encolhida sob as árvores entre o largo rio amarelo e as colinas florestadas. Eles nos ofereceram um banquete, claro, com carne de boi e de veado, mas serviram de um jeito muito estranho: